



Bairro do Património dos Pobres numa cidade do Sul do País

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Uma consoladela!

A expressão não é minha, é de Pai Américo. Sempre que recebia uma boa notícia, que uma dificuldade tinha boa solução, sobretudo quando via, nas suas viagens ao serviço do Património dos Pobres, as habitações a crescer, saía-lhe do coração e dos lábios o desabafo: *Uma consoladela!*

Passados quarenta anos Pai Américo, no Céu, tem vivido a alegria de todos os que se sentem abrigados e de quantos se uniram a esta cruzada de bem. Quanta generosidade! Quanta renúncia! Quanta oração!

As mensagens mais saborosas que temos recebido são as que vêm de mais longe: da França, da Alemanha, da América... Todas com desejo de que

os desabrigados tenham abrigo, de que todas as famílias tenham casa. Quantas maravilhas!...

São muito consoladoras as exclamações de gratidão dos habitantes das casas do Património dos Pobres nas visitas que lhes fazemos. Temos encontrado muitas famílias transformadas para o bem. Temos sentido o seu bem-dizer a Deus e a quem lhes deu habitação.

Ficou muito gravada em nós a figura daquele idoso de oitenta e dois anos que, há quarenta e dois, recebeu a chave das mãos de Pai Américo, cego já há vários deles, ao exclamar: — *Padre Américo veio na hora de Deus! Foi Deus que o trouxe e o ajudou a fazer casas para os Pobres.*

Aquele outro idoso, viúvo já há anos e com muitas saudades da esposa, que

num gesto de mãos postas quis rezar. — *Abençoadas casinhas que fizeram para os Pobres.*

Chegou-nos, há dias, pelo correio, um grito de alma de um casal, ambos cegos, a dizer:

«Com os nossos mais respeitosos cumprimentos, vimos agradecer-lhes, muito reconhecidamente, o precioso donativo que tiveram a generosidade de nos enviar. Pois com o vosso esforço e muito sacrifício dão alegria aos que precisam de um tecto para viver.

Sem o vosso auxílio e o auxílio de outras pessoas amigas, jamais nos seria possível realizar o nosso sonho. Este ano, graças a Deus, já não sentimos o rigor do Inverno.

Continua na página 3

Reflectindo

Como empregar uma comunidade tão numerosa?

SEGUNDA-FEIRA da Semana Santa. Férias. Um dia de Inverno. Em nossa Casa, graças a Deus, não aflige o problema do desemprego... a não ser este, forçado pela chuva. Como empregar debaixo de telha uma comunidade tão numerosa? As limpezas grandes da Páscoa dão para mais do que os habituais encarregados deste serviço. Mas, aqui, a matemática não funciona: cinco ou seis são menos que dois ou três, pois se distraem uns aos outros e se põem na bricadeira. É o «muita gente junta não se salva» — como diz o nosso Povo!

Ao escritório chegam-me os rumores de um grupo que aproveita as aberturas da chuva para ir varrendo as ruas da nossa Aldeia.

Ontem foi domingo, muitos visitantes, muitos rebuçados e outras gulodices... e os consequentes restos mortais do que os embrulhava espalhados pelo chão. O que custa meter na cabeça da nossa gente pequena o hábito de não jogar fora, em qualquer lado, estes desperdícios, antes juntá-los e lançá-los nos latões destinados ao lixo! Pois se as gentes grandes também não dão o exemplo!...

Outro grupo ocupa-se no telheiro. Um projecto de reforestação na nossa mata começou por produzir muita lenha e há que arrumá-la. Mas lá está: é gente em demasia que se estorva e reduz o rendimento da operação! Oxalá a tarde venha mais seca e nos permita distribuir trabalhadores pelo campo onde há tanto que fazer: fim da poda, enxertia de vides, plantio de cebola e de hortaliça e sementeira das batatas, que é chegado o tempo delas e as do ano passado já se comeram todas.

Trabalho e lazer

O trabalho é um manancial imenso de valorização do homem porque inclui em si uma componente cultural.

Advoga-se a cada passo a redução do tempo dele na vida dos homens. E estará certo se não se desintegrar

Continua na página 3

MALANJE dia-a-dia

10/3/96

FOI hoje a sagração de D. Luiz Maria. Uma cerimónia cheia de dignidade e beleza, pois, missionários e povo puseram nela todo o enlevo. Encantou o ritmo das danças e a devoção e suavidade dos cânticos.

— *Tive medo, mas disse sim ao Senhor, seria o meu primeiro não... — segredou-me, comovido.*

Ele conhece este Povo, que agora é o seu Povo. Fala a sua língua e ama-o. Vai sentir na sua carne e, neste momento, a sua fome de pão e, sobretudo, a ânsia dum regresso ao bem.

Vai ser capaz de lutar contra a violência e de denunciar as injustiças. Necessário e urgente — nesta hora de desorientação moral.

11/3/96

HÁ dias que, sempre pela manhã, ele aparece: onze anos, roupa em farrapos, cara de fome e angústia nos seus olhos negros... — *Olha que não temos mais lugar... Ele olha, admirado, e sem compreender... Para ele a palavra «lugar» não tem qualquer sentido. Tem sempre espaço*

livre; de dia, à luz do sol; de noite, sob o piscar das estrelas. E sempre lugar no coração de Deus!

O nosso, porém, é tão pequenino e tão limitado por paredes e telhas!

Também, tantas vezes, por conceitos e modos de estar nem sempre conformes à pureza do Evangelho.

Bato no peito. Amanhã vou plantar naquele coraçãozinho — frio e distante — uma florinha de Esperança!

13/3/96

COMO Igreja e conforme o Evangelho de Jesus devemos questionar-nos sobre a prática quase generalizada do roubo e a realidade evidente da fome.

Há uma estreita correlação entre estas duas presenças no seio do Povo: uma gera a outra e vice-versa.

Há dias notei o desvio de bens por um funcionário duma empresa estatal. Perguntei porque o fazia. Que só ganhava por mês a quantia que lhe permitia comprar dois abacates (duas peças de fruta) e que tinha mulher e filhos para sustentar.

Continua na página 4



Malanje: uma paragem na limpeza das ruas da nossa Aldeia.

Conferência de Paço de Sousa

O MUNDO DA FOME — Segundo uma estimativa da FAO, há no mundo cerca de 800 milhões de pessoas que sofrem de subnutrição, entre as quais duzentos milhões de crianças!

Eis o alerta do responsável daquela organização internacional: «A produção alimentar mundial terá de aumentar mais 75% nos próximos trinta anos para satisfazer as necessidades da população que passará de 5,8 mil milhões para 9 mil milhões até ao ano 2030».

O diagnóstico da situação seria diferente, sem conflitos regionais em algumas zonas do hemisfério. Contudo, na política económica pontificam as multinacionais. Resultado: a Europa, dita desenvolvida, desbarata o sector primário — por excedentes de produção, etc. E, no País que somos, tão pequenino, já com terras abandonadas..., cresce assustadoramente a cota de importação de produtos alimentares! Contrastes...

CASAS — O pobre velho que foi da Roda, permaneceu como filho na casa da ama até ser maior. Depois, andou por lá o resto da vida trabalhando numa instituição sediada no Centro do País. Entretanto, regressou; ao que nos diz, «mal reformado».

Agora, na recente invernia, parte da sua residência sofreu estragos e pede ajuda para a reparação.

Não vem Primavera ao mundo que não apareça gente com necessidade de auxílios desta ordem. Não falando já, especificamente, dos Auto-construtores ocupados na conclusão das suas habitações, pois sofrem calvários de monta porque não temos sido um País virado para o social, mas para a empatocracia — e «cada um que se desenrasque».

PARTILHA — Onze mil, do casal-assinante 11902, do Fundão, «pedindo a distribuição habitual». Cumprida. Mais quatro mil, de «Manuel de Braga», destinados às «viúvas ou viúvos, pois há homens que também

Pelas CASAS DO GAIATO

precisam». Assinante 14493, do Porto, manda a «contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente ao mês de Março». Mais Porto: «Em memória de minha mãe (assinante 7769), cinco mil escudos para os Pobres, tal como ela costumava fazer. Feliz Páscoa para todos». Passagem de testemunho!

Óbolo duma senhora, de Coimbra, referindo que «é pouco mas de boa vontade e em espírito de partilha quaresmal». Leva bem Alto a sua intenção. Na mesma linha, dez mil, da assinante 5471, do Porto: «Pequenina renúncia que fiz durante a caminhada quaresmal. Deus sabe». E basta, à luz da Fé.

Setúbal: Outra «pequenina migalha, relativa ao mês de Março, com um pouco mais para a Páscoa do Senhor, e todo o carinho e muita amizade da Avó dos cinco netinhos que pede a bênção do Senhor para todos».

Dez mil, da assinante 13329, do Porto, e «a maior gratidão pelo bem que me é dado pel'O GAIATO». Oeiras: «Do que cresce, do cheque, que é metade meu e da minha filha, gostaria fosse dividido pelos vossos Pobres, para uma necessidade mais premente». Cumprimos. Assinante 60788, do Porto: «Aqui vão oito mil, para ajuda de quem precisa. É uma partilha da Páscoa».

Assinante 57002, da Senhora da Hora: «Um cheque para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, meu pequeno contributo, de Março, para distribuirem como melhor entenderem. O Senhor permita que à minha se juntem outras miga-

lhas para se aliviar o sofrimento dos mais necessitados». Dois mil, da assinante 10770, do Porto. E um remanescente de contas com O GAIATO, da assinante 12478, de Faro.

Agradecemos e retribuimos os votos de santa Páscoa. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FUGITIVOS — O Sílvio fugiu, há uma semana, para a Amadora, porque foi aliciado por um brasileiro e porque furtou uma bicicleta ao neto dum antigo gaiato.

PÁSCOA — Já passou. Foi muito boa. Os rapazes ficaram contentes com as amêndoas que nos ofereceram.

As cerimónias religiosas decorreram como é tradição. Na Quinta-Feira Santa foi a Comunhão pascal da Comunidade.

No Domingo recebemos o compasso e todos beijámos a Cruz do Redentor.

ESCOLAS — Nós, os da Telescola, estamos a arranjar dois armários para se porem as pastas porque os da primária roubam o material.

As notas da Telescola foram razoáveis. Assim como as do Ensino Primário.

EXPONOR — O nosso Padre Júlio levou o grupo informático da nossa Casa à Exponor, no Porto.

Os rapazes ficaram radiantes com o que viram e ouviram.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — Em 31 de Março a equipa de juvenis defrontou um grupo de jovens duma escola de Valongo. O jogo foi combinado durante a visita de estudo realizada a nossa Casa num dia de aulas.

O prélio foi muito bem disputado. Resultado final: 5-5.

O encontro valeu pela boa disposição das equipas e pelo desportivismo dos jogadores.

Estamos à espera de novos adversários para seniores e juvenis.

«Amarante»

TOJAL

OBRAS — O velho palácio, que foi dos Arcebispos, depois da Mitra, e, finalmente berço desta Casa do Gaiato, está a ser restaurado; trabalho que, segundo os cálculos, deverá

ficar pronto no início de 1998. Se conseguirmos...

RINQUE — Um sonho dos nossos rapazes também está a ser concretizado pouco a pouco: o esperado rinque. Ainda falta apanhar muita pedra...!

AULAS — O segundo período terminou. O terceiro e último está a começar. As notas foram assim assim. Alguns vão para o terceiro período sem grandes ilusões. Há já arrependimento por não terem estudado mais...

CONVÍVIO — Em 30 de Março recebemos a visita de 50 pessoas vindas de Coimbra, antigos gaiatos de Miranda do Corvo, acompanhados das esposas e filhos. Esperamos que tenham gostado do almoço que proporcionámos.

No mesmo dia também vieram aqui almoçar 25 membros do Rotary Club de Lisboa que muito se interessam pela nossa vida. Já são nossos amigos há alguns anos. Esperamos que a amizade cresça.

Arnaldo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na última visita que fizemos ao sr. Augusto, que não tem uma pema e é viúvo, à hora que chegámos ainda estava retido na cama, no meio duns velhos cobertores e sem lençóis.

Batemos à janela e mandou entrar. Era um cheiro terrível!

Começou logo a chorar porque não tem nada — pela morte da esposa. Roubaram-lhe muitas coisas. Nós tratámos de resolver parte dos problemas, sobretudo a falta de roupa de cama. E procurámos alguém que fosse lá fazer limpeza todas as semanas.

Ele tem três filhos casados e netos já adultos. Mas para o ajudar ninguém aparece. Só para o roubar! Para o resto da miséria que tem, alguém aparece como, por exemplo o filho mais novo que vai lá fazer companhia, mas para beber uma cervejita do pobre homem — seu único consolo. Fora disto está entregue à solidão e à espera que o Pai do Céu se lembre dele e o tire do sofrimento e da solidão.

Pedimos ao filho que lá se encontrava, se daria ou ajudaria a dar banho ao pai. Resposta negativa: — Não. Eu também sou homem solitário e não é nada comigo — disse o filho!

Depois disto achamos que todos os homens têm fome e sede do verdadeiro amor; querem uma razão de viver proporcionada às dimensões do seu coração.

Queríamos procurar, convosco, encontrar a maneira como cada um, no seio da família, possa ajudar o outro a descobrir e a viver o encontro, a permuta da intimidade, a partilha dos sentimentos, dos afectos que dão ao lar alegria e calor.

Era preciso que no caso do sr. Augusto os filhos proporcionassem amor. E o amor deve intensificar-se na alma do verdadeiro cristão. É precisamente amar o outro infinitamente mais e

melhor. Amar não só com o seu pobre amor humano magoado, mas com o amor de Deus.

RECEBEMOS — De um grupo de amigas, de Cascais, 15.500\$00. Doutra amiga, 5.000\$00: «Com o espírito de partilha que sempre deve existir num cristão e muito especialmente neste tempo de Quaresma, envio esta pequenina oferta para os vossos protegidos. Que Deus abençoe o vosso esforço e dê muita luz e força para continuarem sem desfalecer neste difícil caminho».

Que Deus vos pague com a graça e o amor. Bem haja às nossas amigas.

Maria Germana e Augusto

BENGUELA

ESCOLA — Já sabem a novidade? As aulas começaram. A abertura seria em Janeiro, mas, com a greve, foram proteladas durante meses. Devido a este atraso, começámos por dar tempo de estudo aos nossos rapazes, distribuídos por salas e classes, acompanhados pelos meios possíveis dentro da comunidade. Todos recapitularam a matéria escolar, pois a Escola é o futuro desta Nação...

Mas Deus ouviu as preces dos rapazes, colocadas na oração do Terço.

As aulas começaram em força. A nossa gratidão a Deus e ao Padre Manuel que pelos seus esforços conseguiu lugar aos estudantes de dia, pela compreensão dos responsáveis das escolas que nos atenderam. Estamos muito contentes.

O entusiasmo é grande. Pudera! É novidade: uns de manhã, outros à tarde. Uns em Casa, outros fora. Todos com as suas pastas, batas brancas que, na cidade, até parece uma procissão. Bonito!

A carrinha é pequena e fica atulhada. Esperamos que a maior não demore. Possibilita levar-nos mais à vontade e a outros, de fora, também.

Agora, sim, vamos entrar no ritmo normal da nossa Casa. Que esta vivência seja alegria e desenvolvimento para os nossos rapazes e para a nossa Angola.

Maria dos Anjos

RETALHOS DE VIDA

Bruno Filipe

Nasci perto do Rio Douro, na freguesia de Massarelos, Porto, em 9 de Julho de 1981. Depois, a minha gente foi morar para Lordelo do Ouro.

A minha mãe ainda é viva e meu pai já morreu, de acidente.

Naquele tempo a gente vivia mal. Depois o Tribunal tomou conta de nós. Está aqui, comigo, um irmão mais novo, Júlio Paulo.

Frequento o quarto ano da Escola Primária e, nas horas vagas, ajudo na limpeza, brinco e jogo à bola.

Bruno Filipe



Gosto de estar na Casa do Gaiato porque, aqui, poderei ser um homem para a vida.

Todos os rapazes da rua precisam de ter guardada, para não andarem por lá. Ainda agora recebemos outros. Alguns nem têm pais, não iam à Escola, andavam na rua.

PASSO A PASSO

QUE importa se a paz que vem e vejo não é a Paz desejada? Pois se só pode vir d'Aquele que é a Paz.

Que importa se o pão que nos dão não é o Pão que desejo? Pois se só o saboreamos quando Ele está.

Que importa se as relações humanas que vivo não são as que anseio? Pois se só Ele faz fraternidade.

Que importa se o trabalho que faço parece não dar frutos? Pois se a fecundidade se vê só quando Alguém nasce.

Que importa se ninguém quer servir os Pobres de tudo? Pois se Ele lhes está lavando os pés, no segredo.

Que importa se a beleza já não cativa e tudo ficou igual? Pois se Ele sempre sopra o véu que teíma em dividir.

Que importa se o silêncio já não é caminho e o deserto é rejeitado? Pois se Ele mostrará coisas novas a quem se deixar conduzir.

Que importa se só a acção atrai e o coração já não faz parar? Pois se Ele dá o leite e o mel a saborear.

Que importa se só parece andar quem se desloca de lugar? Pois se Ele vem, e este vir é mudar.

Que importa se ter raízes, muitas raízes, é importante para crescer? Pois se também as árvores morrem, mesmo de pé, enquanto o grão de trigo só depois de morrer, vai dar raízes para Outro viver.

Padre Júlio

REFLECTINDO

Continuação da página 1

deste objectivo o espaço concomitante de crescimento na sabedoria de ocupar os tempos livres. Sim, o trabalho humano não deve avaliar-se apenas na esfera do económico. Neste aspecto, se necessário, até é justo diminuir-lo para o redistribuir de modo que todos tenham o seu quinhão e possam dignamente ganhar o pão dos seus. Mas, para além de fonte de rendimento ele é meio do homem se exprimir, o itinerário possível da sua realização pessoal, oportunidade para recrear-se. Por isso tão mais importante para cada um ter uma profissão em sintonia com os anseios da sua alma, que o coloquem

na posição de «quem corre por gosto, não cansa». E saber ocupar o tempo sobrando da actividade profissional, de modo que o seu espírito se enriqueça em bens culturais ou por exercícios ao serviço do Bem-comum, tão mais gratificantes por serem gratuitos. Certo é que o tempo tem de ser cheio para que a vida também o seja!

É tão diferente o que acontece com bastante frequência: tempos de lazer que o são de vazio e de aborrecimento, mesmo quando não são de afundamento em vícios. Lembro-me daquela receita de Pai Américo de que os salários semanais deveriam ser pagos às segundas-feiras e não no fim da semana para evitar o álcool em que

tantos trabalhadores dissipam a saúde e a subsistência dos seus. E, para além do álcool, quantas outras pistas falsas, em que tão facilmente se escorrega!

Ao lado de comportamentos assim, também somos testemunhas de outros, exemplares na ocupação dos tempos livres: no cultivo dos seus hobbies ou na prossecução de objectivos que os promovem como acontece com tantos autoconstrutores e com aqueles que os gastam no amanho dos seus quintais, valor que pesa na economia das suas famílias, mesmo que não mereça a atenção dos macro-economistas.

Que as despesas da redução do tempo de trabalho profissional considerem esta realidade tão importante para o equilíbrio pessoal e comunitário do Povo que somos e não se esqueçam de incluir nos seus programas sugestões e medidas que fomentem a educação nesta ciência tão pouco explorada que é a ocupação válida dos tempos livres.

Padre Carlos

BENGUELA

Páscoa

ESTOU a escrever no primeiro dia da Semana Santa. Quando estas notas chegarem ao vosso lar, a Páscoa já foi celebrada. O acontecimento maior do Ano Litúrgico fala-nos da Passagem da morte para a Vida. Trata-se dum caminho a fazer, pois dura a vida inteira. Encontramos a morte, a cada passo, e os sinais de morte. Primeiro, em nós mesmos, sempre que somos egoístas e não damos vida, amando de todo o coração. Depois, nos

Outros, sempre que não têm condições de vida digna.

Quem dera que déssemos sempre vida, à vida! É missão sublime estar ao serviço da vida. O Mistério da Páscoa é o mistério da vida. É a vitória da vida sobre a morte. Por isso, sempre que celebramos a Páscoa queremos encher-nos de mais vida para podermos comunicá-la. Quem pode dar o que não tem? Quem não pode dar o que tem?

Ajudar a quem se ajuda

Subi, ontem, o morro do clube dos caçadores. Só

tem o nome, que o clube e os caçadores desapareceram na voragem da guerra. Há muito tempo que um pobre homem andava a consumir-me por causa da sua casinha que as chuvas tinham levado. Fui ver. Queremos seguir o critério que parece mais certo: ajudar a quem se ajuda. É um trabalho penoso, este de levantar as pessoas caídas com a ajuda delas. Pensam que não são capazes de nada. Que tudo tem de ser feito por quem dá. Isto é errado mesmo em condições tão más como as que tem esta gente. Daí que a primeira acção é ajudar a compreender que ainda pode fazer algo. Lição maravilhosa: aprendemos todos. O problema foi definitivamente resolvido. De mãos dadas, cada um deu o que pôde. Mais vida que foi semeada naquele morro seco. Tenho medo de entrar, algumas vezes, pelos bairros dentro. Não é medo das pessoas. Mas receio que o coração não aguente diante de tamanha miséria. Na medida, porém, em que conseguir algum dinheiro para ajudar a com-

prar chapas e a construir as casinhas, o medo desaparece. — *É remédio santo*, como diz tão bem o nosso povo.

É Páscoa sempre que tiramos os pedregulhos que tapam os supulcros em que muita gente vive.

As chuvas caíram em abundância durante o mês de Março. Bênção para muitas culturas e morte para outras. Duas sementeiras de cebola, em que depositávamos muita esperança, foram-se com as águas. Continuamos a esperar... por vós.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Seria para nós uma enorme satisfação que um dia nos pudessem fazer uma visita. Aqui está também um pedacinho da obra que é a grandiosa Obra do Padre Américo.

Mais uma vez a nossa mais profunda gratidão e que Deus os recompense por tudo quanto têm feito pelos mais desfavorecidos.»

Estes testemunhos de gratidão são para todos os obreiros do Património dos Pobres. São a voz de gratidão de todos os humildes e que procuram continuar a ser humildes. Só Deus é Senhor.

«Bem aventurados os humildes de coração porque verão a Deus e serão chamados Seus filhos.»

Padre Horácio

DOCTRINA



Faz hoje um exame de consciência

FUI ver com os meus próprios olhos a toca de uma menor, errante dos caminhos, com o seu filhinho ao peito. Topamo-nos muitas vezes na Baixa (de Coimbra) e o pequenito, do colo da mãe, puxa os botões da minha batina, enquanto ela desfila as contas amargas da vida. Não tomes a mal nem te escandalizes, se um sacerdote da Igreja conversa em público e vai a casa da mulher de má nota, que o pecado está no coração, não nas passadas. Pior nota tem o homem que a faz cair; e tu dás-lhe a tua direita! Sim, não repares. Se muitas vezes vemos o argueiro nos olhos dos mais, é que não sabemos tirar primeiro a trave dos nossos.

ESTIVE na toca da menor, sim; não tanto para dizer a penúria de tudo quanto vi, à luz do candeeiro, como para te pedir que chores mais eu a sorte da criancinha — *mai-la do homem que a abandonou!* Eu sei quem ele é — e Deus também sabe! Ajuda-me, da tua pobreza, a dar um leito à enjeitada. Quanto ao pai da criança, «*terrível coisa é cair nas mãos de Deus vivo!*» — verdade eterna.

PASSANDO, há dias, nos becos da Alta, dei de cara com um miúdo na soleira da porta, semelhante triste, olhar vago — a procurar... A tristeza da criança vai de encontro às leis da Natureza, por isso tanto nos punge. Entrei na mansarda, terra conhecida; antes desta, morava ali outra família da mesma laia, que eu visitava. Mudou agora de sítio que não de condição; os Pobres nunca mudam nem melhoram.

O pequenito, da porta, seguiu-me na escuridão da toca; e num instante diz a causa da sua infinita amargura: — *A nossa menina quer pão!* A menina estava ali efectivamente, lágrimas roliças, bracitos abertos — a procurar... É uma dos sete da família. A mãe tinha ido ontem para a Maternidade. A mais velha prà fábrica. E os restantes choram por pão. O pai fugiu de casa! Fugir de casa, assim, é o pior dos remédios para o pior dos males. À tarde vem do quartel a sopa, o pior dos calhas. Os miúdos sentam-se no chão, à roda da panela que a foi buscar e comem à vez por uma colher de folha sem rabo, a única que a família tem. Dentro, por detrás de um taipal, há uma rima de palha solta e uma dita de farraços das mais variadas formas e esquisitas cores. À noite, sobre aquelas palhas e debaixo daqueles trapos, adormecem, semelhantes aos animais, criaturas semelhantes a nós! Conto hoje este caso para tu saberes onde gasto os teus dinheiros e aplico as tuas roupas; não que seja o único, as nozes são muito mais do que as vozes — muitíssimo mais.

AMADOS ouvintes: Os pais que fogem de sua casa para não ouvirem o clamor dos filhos a pedir pão, levam no coração a angústia de o não terem e nas passadas a maldição dos que, tendo-o, não o querem dar e dos que, dando, não dão o suficiente. Seja qual for a causa alegada para explicar a origem das guerras, nomeadamente a de hoje (II mundial), a guerra está toda nisto: o Pão mal repartido. Toda a gente sabe; e tu idem. E até se sabe muito bem que depois destes tempos de delírio bélico, vem outra guerra maior; e assim por todos os séculos dos séculos, enquanto o fiel da balança não estiver apumado. Toda a gente o sabe, sim; e tu também. Dizem que o macaco fecha a mão e que não larga o que tem, a menos que lha cortem; e, outrossim, dizem que o homem descende do macaco! Bem podias repartir os teus anéis, em boa paz. Podias e devias; mas não queres. Por isso ficas sem eles e sem os dedos, em guerras!

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



Disputam o jogo acaloradamente

PENSAMENTO

Esperar é o meu verbô. Esperar que Deus me veja. Esperar que os homens me encontrem. Esperar que os rapazes da rua se façam homens de bem. Esperar contra, acima e fora de toda a esperança.

PAI AMÉRICO

O nosso portão é testemunha silenciosa do espanto de quantos ficam frente ao Calvário, a contemplar a beleza com que o Senhor orna este poiso de doentes. As carvalhas vestem-se largamente de folhagem. Os cedros medram viçosos cada um segundo a própria espécie. As tílias e os plátanos vão ganhando copas frondosas, onde as aves baloçam. Rente aos muros e às moradias, hidrângeas salpicam-se de todos os matizes. Doentes meio válidos varrem as ruas, regam flores, alindam canteiros. E só por detrás de todo este panorama verdejante se situa o Calvário dos que sofrem no leito, tantos deles de sorriso franco, encorajantes para quem chega. O nosso portão é testemunha incomunicável, mas verdadeira, das primeiras impressões dos que se aproximam. Mas é igualmente testemunha de esmagamento e inquietação que todos levam ao deixar este lugar onde vivem seres humanos que perderam a saúde ou a quem o Senhor a negou.

Padre Baptista



MOÇAMBIQUE

Saúde das crianças e dos jovens

A necessidade de acautelar os estragos que a idade vai acumulando e retemperar forças espirituais numa volta benfazeja às primeiras emoções que Deus me deu a viver na Obra da Rua, trouxeram-me a este lado da mente, muito desactualizado. Estou num mundo diferente, de ritmo frenético, comunicações instantâneas, de alto padrão de consumo e saúde, tipo pronto-a-vestir.

Isto não beneficia mas fere o meu espírito, preocupado com tudo o que deixei por algum tempo, embora bem entregue a Padre Baptista e aos belíssimos colaboradores que Deus me deu, no trabalho em Moçambique.

O problema mais aflitivo é a saúde dos rapazes e das crianças da povoação que nos rodeia. Estamos na estação das chuvas, desde meados de Outubro. Chuvas, intensas e prolongadas por dias e noites, como nunca conheci nos catorze anos vividos em Moçambique. Chuva fecunda que desperitou as riquezas da terra, após muitos anos de seca, na província de Maputo.

Mas em contrapartida causou a destruição de colheitas em terrenos baixos e, pior que tudo, despoletou a malária, endémica por todo o lado.

No início de Janeiro, fomos surpreendidos pela morte diária de crianças com paludismo. O posto de saúde da Barragem não tem capacidade de atendimento. O nosso, após a mudança, em Novembro, para a Aldeia, está desactivado, na previsão de em Março, passar ao atendimento de primeiros socorros às crianças da povoação, que após pequenas adaptações, viverão ali durante o dia.

Houve que organizar à pressa o atendimento. Um analista e quatro enfermeiros estão todo o dia de serviço; uma médica, um dia por semana. Até ao fim de Fevereiro, acudiu a duas mil e seiscentas crianças com malária confirmada. Algumas, porém, por descuido dos pais, ou porque estes ainda vão primeiro à cata de remédios tradicionais, chegam com anemia ou já em coma.

A Província da Catalunha (Espanha) ofereceu-nos um

carro para as corridas ao hospital. Muitas se têm salvado, outras porém morrem à espera de atendimento. Os remédios esgotaram-se. Conseguimos adquirir Resochina no Ministério da Saúde; Fansidar, no mercado paralelo; Quinino — última linha de tratamento para quebrar todas as resistências e só com acompanhamento médico — estamos a tentar em laboratório de Lisboa.

É angustiante pensar que muitos postos de saúde, por Moçambique fora, não foram recuperados; poucos terão o remédio adequado e a última linha de tratamento só nos Hospitais Centrais.

Numa conjuntura destas, num país martirizado pela guerra, pela fome e doenças, debilitado ao extremo, é triste ler nos jornais a preocupação dos chamados doadores internacionais em reduzir a população mundial, mormente em África, para sete biliões e meio dos doze previstos no ano dois mil e não sei quantos.

Aceitamos sofrer, tentando aliviar o sofrimento à nossa volta, mas o nosso sofrimento toca já o absurdo ao verificar

o fatalismo, e até feiticismo que bloqueia o espírito das pessoas, ignoradas e abandonadas por aqueles que querem construir só para si um mundo à parte. Deste modo e para quem vive com espírito de serviço, viver é sofrer, cuidar da própria saúde é um imperativo de consciência para poder continuar, mas raia a anormalidade querer gozar de boa saúde.

Padre José Maria

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

Fiquei silencioso e lembrei um velhinho muito pobre que encontrei a tiritar de frio numa manhã de neve.

— *Vá para casa e faça um bom lume... — disse.*

Respondeu que não tinha lenha.

— *Leve-a dessa rima, que não é pecado.*

A dita pertencia a um rico lavrador que não me perdoou.

*Conseguir a vida!
O dom da vida!*

O lugar da Igreja é mesmo ao lado dos mais pobres, dos marginalizados, dos sem-voz, dos drogados e portadores de sida. Mesmo ao lado e no seu caminho, claro. A dinâmica do Reino supõe o estar com os sem-voz, sem capacidade e sem bens.

«Vinde benditos de meu Pai.»

Afastai-vos de mim...»

— Mt 25, 31-46.

Os que agora excluem serão excluídos.

Padre Telmo

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março: 72.000 exemplares.

ENCONTROS em Lisboa

O meu sentido dos Outros

DIANTE de mim uma senhora de cerca de 70 anos com um envelope na mão. Diz-me que dentro está tudo explicado porque não tinha a certeza de me encontrar. Ficámos um pouco à conversa. Está reformada com a tal pensão dos 29 mil escudos. Para viver, ajuda duas ou três reformadas, como ela, nos trabalhos de limpeza. É com isso que vive. Toda a sua reforma é para distribuir por vários lados. Enquanto puder, sempre será assim. Nasceu pobre, viveu pobre e quer continuar a ser pobre até morrer. «Assim a gente compreende melhor a vida de quem tem necessidades.» Quando morrer quer que tudo esteja distribuído. Nem saco nem banco nem ouro nem prata.

Fiquei impressionado com a força com que esta Mulher me dizia tudo aquilo. Nos seus silêncios ia afirmando muito mais do que as poucas palavras anunciavam.

Não abri logo o envelope. Os miúdos já estavam no refeitório e fui-me juntar a eles. Despedimo-nos com votos de Páscoa. Nas minhas recordações já é a segunda ou terceira vez que esta senhora me aparece assim. Só desta vez conversámos este pouquinho.

Quando ao fim da tarde abri o envelope fiquei de boca aberta com a contabilidade apresentada, tão longe da dos nossos economistas e bancários, mais o grosso dos aforristas... Os pequenos papéis a embrulhar as notas rezam assim: «Trago para as Casas de África 90 contos»; «estes vinte contos são para o moço reumático poder comprar coisas para comer»; «dez contos para a senhora cancerosa»; «estes vinte contos são para a mãe do menino com meningite, também para lhes comprar coisas para que tenham uma Páscoa mais alegre e eu também me sinta mais feliz»; «estes mil escudos são para as despesas do correio para mandar o dinheiro».

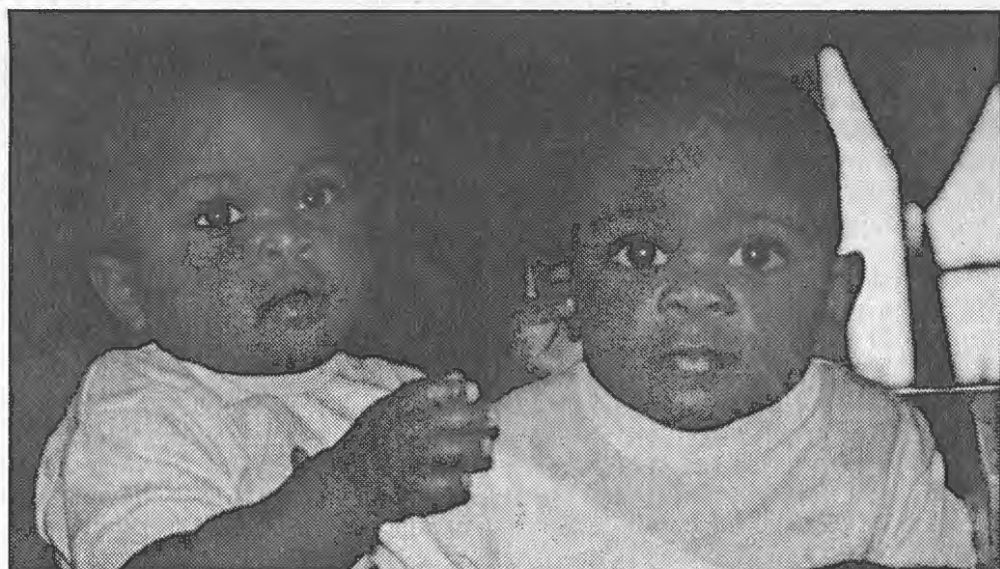
Aqui estou eu com esta quantia nas minhas mãos. É um dinheiro que queima e purifica. Queima porque não é um dinheiro qualquer. Nasceu no ardente amor ao próximo. Ao dar, sente a felicidade «e eu também me sinto mais feliz». Mas este numerário aqui nas minhas mãos purifica o meu olhar, o meu interior, o meu sentido dos Outros, a minha responsabilidade. Quero agradecer a Deus o ter-me encontrado com esta mulher e a esta mulher, em nome de todos, o exemplo que nos apresenta.

Andamos muitas vezes com grandes teorias e muitas palavras à procura do Cristo Ressuscitado. Creio que no coração desta mulher Cristo está vivo. Ela é testemunha d'Ele numa sociedade tão materialista como a nossa.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

- 21 de Abril, domingo, às 15,30h, no Salão Paroquial de FORTE DA CASA;
- 28 de Abril, domingo, às 15,30h, no Auditório da Igreja de Cristo Rei da PORTELA;
- 4 de Maio, sábado, às 15,30h, no Cine-Teatro de LOURES;
- 12 de Maio, domingo, às 15,30h, no Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em LISBOA.



Que seria do Lucas e do Emanuel, duas jóias com olhos cintilantes, se não fosse, como porto d'abrigo, a Casa do Gaiato de Moçambique!?